

**SAUDADES DO MUNDO.****Eduardo Sterzi****São Paulo: Todavia, 2022****238 páginas, ISBN 978-6-5692-369-7**

*Saudades do Mundo*, de Eduardo Sterzi, apresenta uma coletânea de textos, produzidos ao longo de dez anos de investigação, à volta da Antropofagia. Apesar de o livro partir da conceptualização de Oswald de Andrade e do grupo da *Revista de Antropofagia*, a proposta do pesquisador brasileiro estuda os antecedentes e os ecos futuros da antropofagia como protótipo para o pensamento e para a ação. Desta forma, ao longo de 12 capítulos (“Experimento e experiência”; “Antropofagia como máquina de guerra”; “Diante da lei – da gramática – da história”; “O drama do poeta”; “O copista canibal”; “A irrupção das formas selvagens”; “O apocalipse das imagens”; “A voz sobrevivente”; “Uns índios (suas falas)”; “O errante, a terra”; “Fotografia como circum-navegação da antropofagia”; “O antropófago”), Sterzi ampliará temporal e conceitualmente o tema em questão, relacionando-o não apenas a Oswald de Andrade, mas também a outros autores como Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Raul Bopp, Sousândrade e Eduardo Viveiros de Castro.

Nos primeiros textos, “Experimento e Experiência”, “Antropofagia como máquina de guerra”, “Diante da lei – da gramática – da história” e “O drama do poeta”, é Oswald de Andrade o

objeto de estudo de Sterzi. A Antropofagia, enquanto “ciência do vestígio errático”, tal como concebida por Oswald, é uma forma de resistência à imposição das normas e da tradição literária. Para o pesquisador, Oswald de Andrade busca uma poesia que esteja fora do convencional e que seja uma “máquina de guerra”, capaz de questionar as estruturas estabelecidas e abrir espaço para uma experiência poética radical.

Deste modo, para Sterzi, Oswald de Andrade não adota uma postura estritamente nacionalista, mas sim uma visão que transcende fronteiras e busca resgatar elementos “primitivos” e “selvagens” da cultura, muitas vezes subjugados pelo contato com a cultura ocidental. A Antropofagia é, portanto, uma tentativa de recuperar essas raízes culturais e questionar a imposição da “gramática” e da “metafísica” da língua como parte da tradição literária. O pesquisador também destaca a importância da infância na obra de Oswald de Andrade, como uma forma de se aproximar de uma “primeira idade do mundo” e explorar certas constantes que existem antes das normas sociais. Oswald busca revogar a norma em prol da aventura e da liberdade na sua poesia.

Na continuação, o texto “O copista canibal” se debruça na obra e trajetória de Raul Bopp, com foco em seu poema *Cobra Norato* e em suas obras em prosa, como *Movimentos modernistas no Brasil: 1922-1928* e *Vida e morte da Antro-*

*pofagia*. O gesto de “passar a limpo” que caracteriza a escrita de Bopp, em que ele revisita e reescreve seus próprios textos ao longo de sua carreira, é destacado pelo pesquisador que também menciona a influência da Amazônia e da cultura popular na criação de *Cobra Norato*.

O texto aborda, desta forma, o decorrer da obra de Bopp e as mudanças introduzidas nas várias edições de *Cobra Norato*, destacando como seu estilo se desenvolveu ao longo do tempo. Além disso, Sterzi ressalta a complexidade e a elasticidade da escrita de Bopp – “semelhante à pele da cobra estrangulada que é vestida como disfarce pelo protagonista” (p. 77) –, que se manifestam não apenas em sua poesia, mas também em suas obras em prosa. No contexto das obras em prosa, o teórico enfatiza como Bopp reutiliza fragmentos textuais em diferentes livros, criando uma espécie de intertextualidade dentro de sua própria obra. Também destaca o testemunho valioso de Bopp sobre o movimento da Antropofagia e sua relação com figuras proeminentes desse movimento, como Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.

Na sequência disso, os textos “A irrupção das formas selvagens”, “O apocalipse das imagens” e “A voz sobrevivente” são dedicados à análise da obra de Mário de Andrade. Em primeiro lugar é estudado *Macunaíma*, que, segundo Sterzi, não deve ser reduzido a uma simples alegoria da forma-

ção nacional, mas deve ser entendido como um sintoma cultural que reflete a diversidade e a multiplicidade do povo brasileiro. O teórico destaca a natureza heterogênea e compósita do livro e do próprio personagem Macunaíma. Ele é uma montagem de várias influências culturais, incluindo mitos indígenas e africanos, e representa uma ruptura com as idealizações modernistas do Brasil no contexto antropofágico. *Macunaíma* é mais do que uma história de genocídios e tragédias; é também uma narrativa de desejo de sobrevivência, libertação e resistência. O personagem Macunaíma se torna uma voz daqueles que foram silenciados, uma imagem daqueles que foram invisibilizados. Para Sterzi, o livro se transforma em um canto que representa a resiliência e a vitalidade da cultura brasileira, apontando para a importância dos elementos indígenas na narrativa e ressaltando tanto a *desidealização* do índio quanto a representação da cultura indígena como parte essencial do Brasil, apesar das ameaças e extermínios enfrentados por esses povos. Mas, apesar do aparente fim da história e da destruição de tudo, ainda há espaço para a narrativa persistir. O “tem mais não” do final do livro marca um ponto de viragem onde a narrativa não se encerra definitivamente, mas se transforma em algo novo. A voz do narrador, ao contar a história de Macunaíma mesmo, após o término das aventuras do protagonista, representa uma continuidade, uma resistência ao silêncio e à

ausência. O que resta após o fim da história ilustra que, mesmo quando a história parece ter acabado, a linguagem continua a criar significado e a oferecer possibilidades de sentido.

Do “tem mais não” ao “nonada”, o seguinte capítulo, “Uns índios (suas falas)”, discute a transformação da posição de certos textos na obra de Guimarães Rosa, especialmente em relação aos temas sobre os indígenas e à escuta das vozes dos povos nativos. Assim, Sterzi analisa a importância da escuta das falas indígenas como elemento fundamental na construção da poética de Rosa, destacando como o autor lida com a linguagem e a cultura dos povos indígenas em sua obra. A discussão apresentada destaca o conto “Makine” como um exemplo inicial da relação de Rosa com as vozes indígenas, indicando como ele utiliza o mito e a imaginação estereotipada em suas primeiras incursões nesse tema. O teórico também destaca a crônica “Uns índios (sua fala)” como um momento em que Rosa começa a prestar atenção às nuances da língua dos índios Tereños, evidenciando a importância da escuta para o entendimento das diferentes formas de expressão e suas relações com a história e a cultura. Sterzi discute temas como a dualidade entre letra e voz, a interseção entre cultura doutra e cultura dos povos, e a constante busca pela compreensão e comunicação, mesmo diante da incompreensão e da incomunicação. Desta forma, o teórico estuda a presença persistente

da cultura indígena na sociedade brasileira, mesmo diante dos massacres e da assimilação forçada. Os trechos citados de Rosa mostram como os povos indígenas são vistos não apenas como figuras do passado, mas também como uma força presente e futura na cultura brasileira. A discussão sobre a “origem em ausência” e a possibilidade de “tornar-se índio” chama a atenção sobre a complexidade da identidade cultural no Brasil.

Na continuação, no capítulo “O errante, a terra”, Sterzi escreve sobre as obras de Sousândrade e Paulo Nazareth a partir de um marco teórico construído com as leituras de Deleuze, Guattari, Kafka e Viveiros de Castro, explorando a ideia de “devir-índio”, como um ato de resistência e transformação, em vez de uma busca por uma identidade fixa, e a errância na construção da identidade. Para Sterzi, *O Guesa*, cujos versos dão título ao livro, antecipa questões contemporâneas, como a resistência dos povos indígenas, a questão do meio ambiente e a crítica ao capitalismo. A análise de Sterzi destaca o pan-americanismo presente na obra de Sousândrade e a dimensão planetária das ações a partir da consolidação do capitalismo. A imaginação da terra é interpretada como uma “imaginação política – cosmopolítica” – (p. 164), conectando vários planos locais com uma perspectiva global, onde a ideia de “restos de um mundo” é lida como povos testemunhos, representando não apenas uma sobrevivência do passado,

mas também uma figuração do futuro. A literatura é uma afirmação de vida diante do fim do mundo que supõe o capitalismo. “As ‘saudades do mundo’ passam a ser o motor mesmo do herói em suas viagens; o objeto de sua busca – de sua *quête* – é nada menos que o próprio mundo, percebido a partir de determinado momento como perdido (e daí as “saudades”). Sai em busca daquilo – o mundo – de que ele mesmo é resto” (p. 170).

A segunda parte do capítulo introduz a figura de Paulo Nazareth, um artista errante cujas deambulações pela América Latina e pelos Estados Unidos são descritas como uma “epopeia americana” (p. 181), que nos ensina que não há o “último Guesa”. O trabalho de Nazareth, especialmente em “Notícias de América”, é apresentado como uma demanda por memórias apagadas e uma tentativa de reconstruir histórias não contadas. Tanto Sousândrade quanto Nazareth, cada um à sua maneira, preservam a faísca da utopia ao enfrentarem o mal do mundo e revelá-lo. O capítulo encerra-se com a sugestão de que, mesmo diante do horror e da degradação, nascem “mundos futuros” a partir dos quais se podem alimentar as saudades do mundo: “aquele que sente ‘saudades do mundo’, e vai ao mundo justamente para matar essas saudades, sente falta não apenas do mundo que foi, mas também, talvez sobretudo, do mundo que virá” (p. 186).

Para finalizar o livro, o teórico dedica um capítulo à relação entre ima-

gem e antropologia a partir do trabalho de Eduardo Viveiros de Castro, que é uma das bases teóricas que sustentam o edifício crítico de Sterzi, e um último capítulo para falar do antropófago, uma figura que transcende identidades fixas e políticas, sendo um *aglomerado indígena-alienígena* que desafia as categorias tradicionais. O antropófago é visto como um agente de desestabilização cultural, que atua para desafiar e remodelar o sistema cultural, social, político e econômico.

O trabalho que Eduardo Sterzi apresenta se nutre de palestras, seminários e artigos desenvolvidos ao longo de dez anos de investigação em que o autor reescreveu no processo elástico e infinito que supõe a escrita. A revisitação que o teórico faz da antropofagia e de sua condição textual, na performatividade da leitura que descreve e que prescreve, são imprescindíveis para compreendermos o modernismo no Brasil. Mas é também um texto importante por aquilo que pode ensinar a antropofagia enquanto dispositivo de leitura e como forma de resistência capaz de desativar estruturas de dominação e de ativar o pensamento crítico, ao apresentar a obra de arte como ato estético e como ato de resistência. Entender a antropofagia como uma forma de escrita é também entender a antropofagia como uma forma de leitura e como uma forma de pensamento, se aceitarmos que uma não pode existir sem a outra. A leitura não desvela sentido, cria sentido. O “tem mais não”

que Sterzi nos oferece como dispositivo nos permite entender as camadas textuais que nutrem o pensamento-ação antropomórfico, oferece exemplos de sua projeção e antecipa futuros leitores.

*Diego Giménez*

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_14\\_14](https://doi.org/10.14195/2183-847X_14_14)

**ANIMALIDADES: ZOOLITERATURA  
E OS LIMITES DO HUMANO**

**Maria Esther Maciel**

**São Paulo: Instante, 2023**

**176 páginas, ISBN: 978-65-87342-42-9**

*Animalidades: zooliteratura e os limites do humano* traz sete ensaios, além de uma espécie de introdução teórica, reapresentando parte das publicações acadêmicas recentes de Maria Esther Maciel, em torno dos comportamentos de animais não-humanos, unindo etologia e representações literárias de animais, com alguma relação histórica já longa em torno de uma espécie de outro presente-ausente, o humano.

Quem se dispõe à leitura da obra encontra quase um bestiário, em uma espécie de paralelo com tal gênero recriado pela Modernidade, ao ver, pelo percurso de pesquisa e escrita autoral, figurações majoritariamente ligadas à literatura brasileira e à pergunta “o que eles sabem de nós?” que, a partir da literatura e da representação literária, teria como corolário uma pergunta maior: “o que eles sabem de nós, que não sabemos que eles sabem

de nós?”. A instituição literária funcionaria como uma prática revelatória, ao longo dos tempos, de tais segredos, a partir do momento em que se vê, pelas interpretações de Maciel, a forma pela qual Machado de Assis, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Hilda Hilst, entre outros, além de, aqui e acolá, escritores não brasileiros, como Franz Kafka, J. M. Coetzee e Tawada Yōko, acessam, dão espaço, interpretam ou traduzem, via obra literária, pensamentos, sensações, saberes e indagações de seus outros, os bichos.

Seria, portanto, “[g]raças às experiências ficcionais e poéticas dos escritores”, que “atravessamos as fronteiras entre as espécies e acedemos à outra margem, a dos animais não humanos, num encontro também com a animalidade dentro de nós”, tendo, como correlato, que: a literatura afirma não apenas seu potencial de provocar atos internos em nós, leitores, como também nos ensina a lidar, por rotas criativas, com as alteridades radicais e os saberes que se inscrevem nos variados espaços do mundo “zoo”, além de se abrir à complexidade múltipla do mundo natural. (p. 28)

Se o resultado introduzido por Maciel é a revelação do segredo da pergunta primordial, essa sapiência não-humana vem derivada de um “modo como cada um deles nos vê e nos percebe. E como não podemos rastrear esse saber por caminhos meramente racionais e científicos, resta-nos também conjecturar sobre ele” (p. 42;